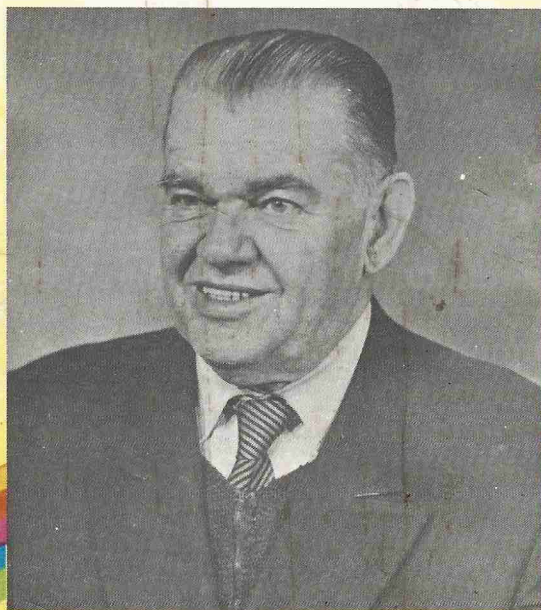
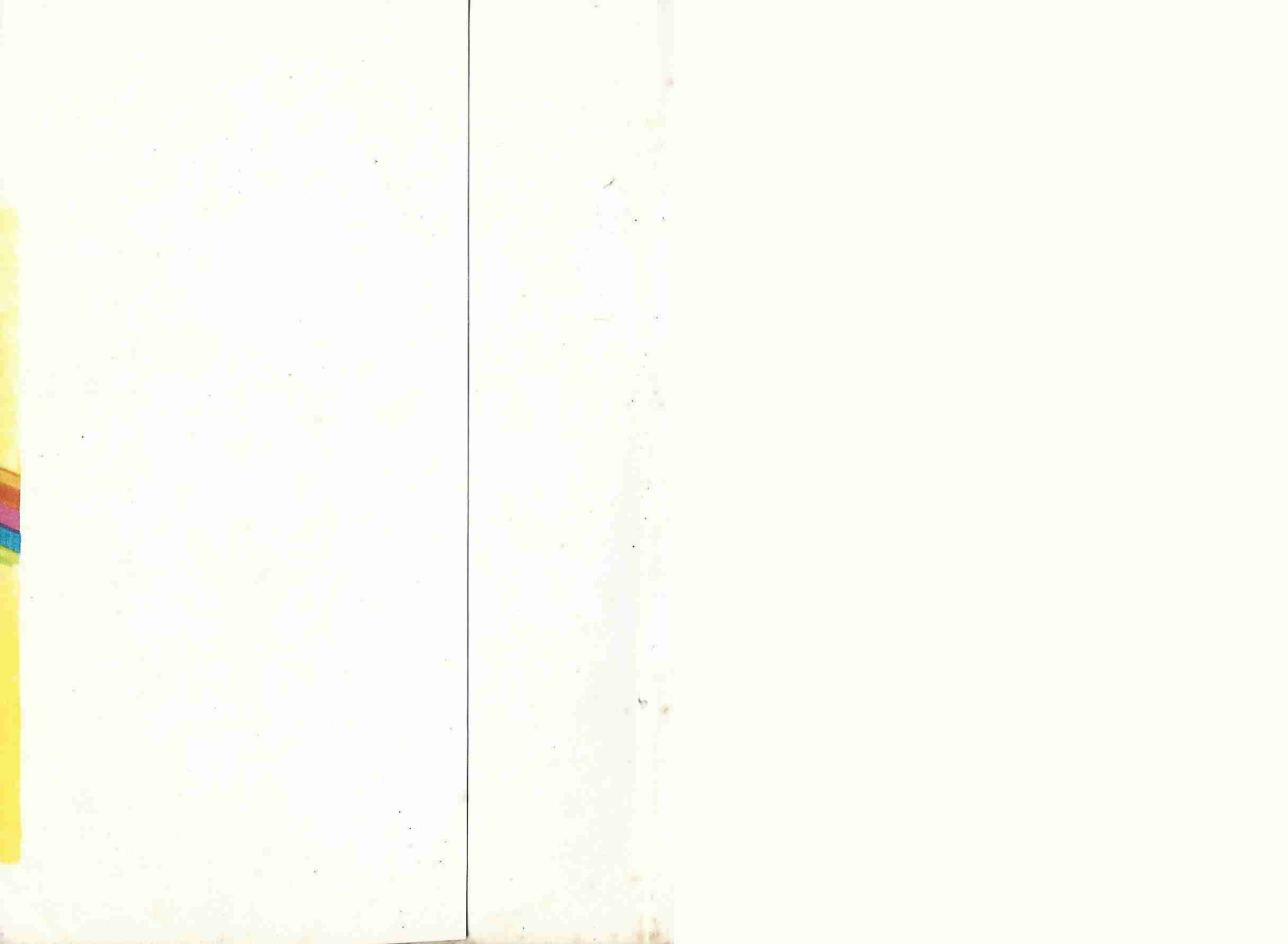


# RETRATOS DA VIDA

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER  
PELO ESPÍRITO DE CORNÉLIO PIRES





# RETRATOS DA VIDA

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER  
PELO ESPÍRITO DE CORNÉLIO PIRES



# RETRATOS DA VIDA

Capa: CLÁUDIO DE OLIVEIRA SANTOS

\*

Ilustrações: MESSIAS

\*

Diagramação: VIVALDO DA CUNHA BORGES

\*

1a. edição CEC - 10.000 exemplares

1a. edição IDE - 1985 - 20.000 exemplares



INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPÍRITA  
Rua Emílio Ferreira, 123 - Caixa Postal 110  
Fone: (0195) 41-2388 - CEP 13.600 - Araras  
Estado de São Paulo - Brasil  
C.G.C. (MF) 44.220.101/0001-43  
Inscrição Estadual 182.010.405

## FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada na Editora)

Xavier, Francisco Cândido, 1910-

X19r Retratos da Vida / Francisco Cândido Xavier, Espírito de Cornélio Pires, Prefácio de Emmanuel. Araras, SP, 1a. edição IDE, 1985. (1a. edição CEC, Uberaba, MG, 1974.)

144 p.: 20 il.

1. Espiritismo 2. Psicografia - Trovas. I. Cornélio Pires (Espírito). II. Título.

CDD-133.9  
-133.91

Índices para catálogo sistemático:

1. Espiritismo 133.9
2. Psicografia: Trovas: Espiritismo 133.91
3. Poesia mediúnica: Espiritismo 133.91

## ÍNDICE

<i>Cornélio, o Amigo</i> , Emmanuel . . . . .	9
1 - Conversa de Companheiro . . . . .	10
2 - Parentesco e Reencarnação . . . . .	18
3 - Ofensa e Ressentimento . . . . .	25
4 - Herança no Além . . . . .	30
5 - Sobre a Preguiça . . . . .	36
6 - Questão de Comida . . . . .	41
7 - Assunto Entre Amigos . . . . .	48
8 - Laços Redentores . . . . .	55
9 - Assunto de Paixão . . . . .	60
10 - Desencontros de Amor . . . . .	68
11 - Questões de Mulher . . . . .	76
12 - Beleza e Paixão . . . . .	83
13 - Causa das Trevas . . . . .	91
14 - Ambição Desregrada . . . . .	99
15 - Notas da Sovinice . . . . .	105
16 - Assunto de Morrer . . . . .	112
17 - Cura de Obsessão . . . . .	117
18 - Lutas da Irritação . . . . .	123
19 - Condenação e Vida . . . . .	129
20 - Apego Demais . . . . .	136

## **CORNÉLIO, O AMIGO**

Imaginemos neste livro  
uma sala de confraternização para  
diálogo e entendimento.  
Cornélio, o amigo, é o companheiro  
que nos recebe.  
Dispensável a apresentação.  
Construtor do bem, que todos  
conhecemos para a nossa própria  
felicidade, saibamos ouvi-lo, através  
das aulas de amor e verdade que nos  
oferece e estaremos aprendendo com  
a bondade e com a vida, em nome  
do Cristo de Deus, para a nossa  
própria edificação.

EMMANUEL

Uberaba, 22 de março de 1974



1

## CONVERSA DE COMPANHEIRO

Eis hoje, caro José,  
Meu singelo parecer.  
Em carta você me fala  
Que só deseja morrer.

E anota com insegurança,  
Dizendo espantado a mim:  
— “Você me diga, Cornélio,  
Se estou certo agindo assim.”

Tal assunto em sua idéia,  
Tão lúcida quão travessa  
Realmente não entendo  
Como lhe vem à cabeça.

Posso afirmar-lhe, de pronto,  
Na força de nossa fé: —  
— Reajuste o próprio passo,  
Não tente a morte, José.

Quem se esquece de viver,  
Pensando em fim prematuro,  
Acaba sem perceber  
Caindo em salto no escuro.

Observe a Natureza:  
Toda a vida se processa  
Para serviço no tempo  
Que não cogita de pressa.

O sol não registra idade,  
A noite prepara o dia,  
O fruto surge na hora,  
Relógio não se abrevia.

Não falha a Obra de Deus  
Cuja lei é a perfeição,  
Todos temos lugar próprio,  
Da estrela aos vermes do chão.

Morte, em si, é um velho marco  
Na estrada de toda gente,  
Aceitá-la é conformar-se,  
Provocá-la é diferente.

A Terra é um navio grande  
Nas águas do Amor Divino,  
Quem sai dele contra a ordem,  
Noutro barco é clandestino.  
E quem se faz clandestino,  
No grau em que se subleva,  
Encontra rudes lições  
No caminho a que se leva.



Vivia pedindo a morte  
Nossa amiga Dona Inês,  
Achei-a pior no Além,  
Rogando um corpo outra vez.

Desanimou de viver  
Nhô Nico da Tanajura,  
Morreu mas vive isolado  
Nas pedras da sepultura.

Xingando os filhos ingratos  
Nhá Quina morreu aos poucos,  
Mas vive cuidando agora  
Dos netos muito mais loucos.

Por não suportar a nora,  
Finou-se Olavo Vilela,  
No Além não acha serviço  
A não ser velar por ela.

Em não se ajustando ao genro,  
Morreu Pio Avanhanda,  
Hoje em dia quer ser filho  
Do genro que detestava.

Por odiar a família  
Morreu Marcelino Gaza,  
Hoje, em luta, descobriu  
Que está preso à própria casa.

Para fugir do trabalho  
Finou-se o Juca Pulchério,  
Mas hoje só sente paz  
Se fica no cemitério.

Morreu Lino por pirraça  
Contra a esposa Ana Sarmiento,  
Agora corre atrás dela,  
Gritando arrependimento.

Conserve o seu próprio corpo,  
É a medida que lhe peço;  
Ele é seu campo de luta,  
Sua enxada de progresso.

Não se descuide da Vida  
Nem viva no mundo às tontas,  
A morte nos muda a casca  
Mas não nos resolve as contas.

A morte que traz descanso,  
Paz, reconforto, alegria  
É aquela que nos procura  
E chega sempre no dia.



2

## **PARENTESCO E REENCARNAÇÃO**

Você nos pede por carta,  
Meu prezado amigo João,  
Que a gente escreva no tema:  
Família e reencarnação.

Assunto vasto, meu caro,  
Tão vasto que já nem sei  
Andar nesse labirinto  
Mesmo andando à luz da lei.

O lar parece uma empresa  
De lucro certo e benvindo,  
Surge na Terra em dois sócios,  
Depois a casa vai indo. . .  
O casal primeiramente  
Celebra doces afetos,  
Em seguida, ganha filhos  
E os filhos arranjam netos.  
Logo após é um grupo grande  
Ao qual, de forma concisa,  
A gente volta em criança  
Procurando o que precisa.

A luta chega. . . Entretanto,  
O progresso vale a pena.  
É isso aí. . . Cada berço  
Põe a vida em nova cena.

O mundo lembra um teatro,  
Cuja função nunca cessa,  
Toda casa lembra um palco,  
Cada família é uma peça.  
O espetáculo é de todos,  
A prova é parte comum,  
Mas proveito e aprendizado  
São coisas de cada um. . .

Antes do berço rogamos  
A luta que nos apraz,  
Depois, muito comumente,  
Buscamos voltar atrás.

Requisitamos em prece  
Inimigos por parentes  
E ao revê-los, ombro a ombro,  
Reclamamos descontentes.

Às vezes, a filha ingrata  
É aquela jovem sofrida  
Que abandonamos à rua  
Nos prazeres de outra vida.

Filho criando problema,  
Tristeza, mágoa, perigo:  
Adversário de outrora  
Cobrando débito antigo.

Noras cruéis, genros brutos,  
Pai tirânico e violento,  
São contas do crediário  
Resgatado a sofrimento. . .

Rugas, brigas e desgostos  
Espinheirais do passado,  
Pagamento a prestações  
De culpas por atacado. . .

Nossos erros de outras eras,  
Ódio, inveja, tentação,  
Retornam pela família  
Na lei da reencarnação.

Quem amou, quem deu de si,  
Sobe de altura e lugar,  
Quem fez sofrer vem sofrer,  
Quem bateu vem apanhar.

Quem dos outros fez capacho,  
Cria resgate severo,  
Quem foge ao próprio dever  
Vem de novo à estaca zero.

Parentela é escola santa  
Sempre que a vemos daqui,  
Cada qual encontra em casa  
Aquilo que fez de si.

Ame, perdoe, sirva e ajude  
Quanto ao mais, meu caro irmão,  
Se você sofre em família,  
Não reclame, agüente, João.



3

### **OFENSA E RESENTIMENTO**

Você deseja de nós  
Meu caro Luiz Sarmiento,  
Alguma fala qualquer,  
Em torno ao ressentimento.

Diz você: "cá neste mundo  
Não sei como me exprimir,  
Se não aprendo, não sinto,  
Se aprendo, devo sentir.  
Se recebo alguma ofensa,  
Zombaria ou pescoção,  
Se nada disso me fere  
Como guardar a lição?"

Sua palavra bem feita  
Lançando o assunto no ar,  
Dá muita filosofia,  
Muita cousa que pensar. . .

Em toda questão de ofensa,  
É necessário se insista:  
Pede a vida que se mude,  
O nosso ponto de vista.

Quem é aquele que ofende?  
As vezes é um pobre louco. . .  
De outras vezes, um doente  
Que enlouquece pouco a pouco.

De que modo condenar  
Quando me cabe entender,  
Se todos somos no mundo  
Capazes de adoecer?  
Por isto, ressentimento  
Dos enganos que se leva,  
Quando embutido no peito,  
Lembra um novelo de treva.

O ponto grave na ofensa  
Está sempre na pessoa,  
Que condena e se lastima,  
Que se arrasa e não perdoa.

Surge a mágoa. . . Leve sombra  
Numa estranha formação,  
Depois recorda serpente  
Por dentro do coração.  
Faz tristeza, inimizade,  
Vida irritada e insegura,  
Discórdia, injúria, sarcasmo,  
Separação, amargura. . .

Quem guarda ressentimento,  
Note bem, veja você:  
Coloca o mal no que sabe,  
Veneno em tudo o que vê.

Ressentimento onde esteja  
Traz sempre como é notório,  
Muita doença imprevista,  
Muita ficha em sanatório.

Se você sofreu ofensa,  
Lembre o perdão de Jesus,  
Quem se ofende ajunta sombras,  
Quem perdoa tem mais luz.

Contra alguém, seja quem for,  
Que nunca se erga a voz,  
A justiça vem de Deus,  
O agravo é que vem de nós.

Mesmo entre pedras e lutas,  
O amor trabalha e auxilia. . .  
O tempo emenda a nós todos,  
Cada qual tem o seu dia.





4

## HERANÇA NO ALÉM

Você deseja saber  
Meu caro Joaquim Monforte,  
Dentre os assuntos de herança,  
O que há depois da morte.

Respondendo a sua carta  
Cumpro apenas um dever;  
Herança dá muita encrenca,  
Você nem queira saber.

Decerto que há muita gente,  
Caminhando ao nosso lado,  
Que sabe usar com Jesus  
Os bens de qualquer legado.  
Entretanto, em muitos casos,  
Nos passos de muitas vidas,  
Heranças trazem problemas  
Às pessoas mais queridas.

Amparo que você queira  
Fazer, em verdade são,  
Auxílio, bênção, favor,  
Não deixe para amanhã.

Nosso Téo deixou ao genro  
A fazenda Carolina,  
O moço inexperiente  
Descambou na jogatina.

Tanta injúria de inventário  
Recebeu Nhô Chico Bentes  
Que se fez obsessivo  
De todos os seus parentes.

Nhá Nicota juntou casas  
Em favor da própria filha;  
Viu a filha envenenada  
Numa questão de partilha.

Nhô Tino deixou aos filhos,  
A fazenda da Tronqueira  
E os rapazes sem trabalho  
Caíram na bebedeira.

Calina legou à filha  
Todas as lojas de um prédio:  
A moça largou o estudo,  
Depois matou-se de tédio.

Teotônio legou milhões  
Para o bisneto Tadeu;  
Ao vê-lo abusar de drogas  
O coitado enlouqueceu.

Nicão viu tantas loucuras  
Na viúva Dona Criste,  
Que deseja ir para o inferno,  
Mas o inferno não existe.

Joaninha ao achar as filhas,  
Em sombra, gozo e moleza,  
Hoje pede vida nova  
Afundada na pobreza.

Se você tem para dar  
Não exija condição,  
Dê trabalho e caridade,  
Paz, amor e educação.

Bendita seja a pessoa  
Que recebendo uma herança,  
Sabe espalhar benefício,  
Conforto, luz e esperança.  
No entanto, muito legado  
É mero apoio ilusório,  
Há muito desencarnado  
Que enlouqueceu no cartório.



5

## **SOBRE A PREGUIÇA**

Tenho em mãos sua consulta,  
Minha prezada Larissa,  
Você procura por nós,  
Informe sobre a preguiça.

Preguiça mesmo no Além,  
É uma sombra malfazeja,  
Que o nosso espírito abraça,  
Contra si próprio onde esteja.

É treva de obsessão,  
Tão forte aí quanto aqui,  
Moléstia do pensamento  
Que a pessoa esconde em si.

A preguiça escuta o verbo  
De quem procura ajudar,  
Aprova, aceita, agradece,  
Depois se põe a queixar.  
Fala que anseia servir,  
Dia a dia, hora por hora,  
Que o trabalho é sempre a trilha  
Por onde a vida melhora.

Afirma que a vida é luta,  
Conhece o próprio dever,  
Mas apresenta as razões  
Porque não pode atender.

Preguiça não evolui,  
Diz ela: — porque não tem,  
Palavra de voz amiga  
Nem proteção de ninguém.  
As lágrimas que carrega  
Só ela as vê como são,  
Tem problemas que não cessam,  
Tem família em provação.  
Traz a saúde imperfeita  
Embora reze com fé,  
Suporta a cabeça fraca,  
Carrega fogo no pé.

Tem cólica, batedeira,  
Dor no fígado e no baço,  
De dia, tudo é tristeza,  
De noite, tudo é cansaço.  
Sente aflição e azedume,  
Sofre a queda dos cabelos,  
Caminha de perna bamba,  
Tem dores nos tornozelos.  
Padece angústia constante,  
Vê fel por todos os lados,  
Alega a perseguição  
De espíritos atrasados.  
Quando está caindo chuva  
Sofre zelos naturais,  
Quando o calor aparece  
Diz que o calor é demais.

Não se agüenta com vizinhos  
Que estão sempre contra ela,  
Em casa nunca dispõe  
De apoio da parentela.

Preguiça, prezada irmã,  
É sempre uma cousa assim:  
Um sofrimento parado  
Numa doença sem fim.

Preguiça, antiga moléstia,  
É praga na criatura,  
Recebe muito remédio  
Mas só serviço é que cura.



6

## QUESTÃO DE COMIDA

Você procura saber,  
Meu caro Afrânio Caçula,  
O que sucede no Além  
Com quem se estraga na gula.

Parece problema simples  
A questão que você traz  
E nela há muita questão  
De vida, saúde e paz.

Você sabe, caro irmão,  
Viver de fome é impossível.  
Tudo o que anda e trabalha  
Precisa de combustível.

Note a lição do automóvel:  
O carro, seja qual for,  
Se move é com gasolina  
Dosada para o motor.

A roseira por mais linda  
Acaba mofina e tonta,  
Quando sente na raiz  
Adubo acima da conta.  
Assim também a pessoa  
Por mais robusta e mais forte,  
Se come quanto não deve  
Procura doença e morte.

A gula sempre estrangula  
A paz de qualquer irmão,  
Conversando, além de tudo,  
À sombra da obsessão.

Recorde: comia tanto  
O nosso Quinquim Peixoto  
Que acordou no próprio enterro,  
Buscando restos de esgoto.

Tanto abusava de peixe  
O amigo Teotônio Pio,  
Que vive depois de morto  
Lançando rede no rio.

Andava de prato grande  
Nhô Juca do Alagadiço,  
Agora desencarnado  
Tornou-se papa-chouriço.

Aquela morte esquisita  
De Dona Rita da Estaca?  
Foi gula. . . Morreu comendo  
Veneno de jararaca.

Outra morte. . . a de Antonico  
Na Fazenda Nazaré,  
Foi pesada indigestão  
Com carne de jacaré.

Morreu comendo bichinhos  
Nhô Nico Boaventura,  
Sem corpo vive caçando  
Farofa de tanajura.

Nhô Silvino, de repente  
Morreu no Sítio da Sobra,  
Comera de siriema  
Que havia comido cobra.



Comia tanto, mas tanto  
Juquinha Paraguassu,  
Que hoje desencarnado  
Só pensa em frango e tutu.

Nem gordura nem magreza  
Turvam a vida no Além,  
Cada qual anda na Terra  
Conforme o corpo que tem. . .

Mas a comida em excesso  
Por hábito inveterado  
É tormento doloroso  
Que dá problema e cuidado.

Viva muito e coma pouco  
Na paz que nos endireite,  
Nem na montanha do açúcar,  
Nem na cisterna do azeite.

Há muita gente na Terra  
De prato pesado e fundo  
Que acampa no necrotério  
E volta aos pratos do mundo.

Não se alarme no que digo,  
Por estas linhas gerais,  
Coma sempre o que precise  
É só não comer demais.



7

## ASSUNTO ENTRE AMIGOS

Recebi o seu bilhete,  
Meu caro Juca Vilaça.  
Pede você que lhe escreva  
Algo mais sobre a cachaça.

Explica você: "Cornélio,  
Abra o caso mais a fundo,  
Fale mais dos resultados  
Quanto à pinga no outro mundo."

Você tem razão. A pinga,  
Por mais que a verdade doa,  
Sem controle que a governe,  
Arrasa qualquer pessoa.  
Além de ser forte agente  
Da obsessão tal e qual,  
Provoca desequilíbrio  
No corpo espiritual.  
Prejudica e desfigura  
Muito mais do que se pensa,  
Cachaça, por si, carrega  
Tristeza, inércia, doença. . .

Em qualquer parte onde surja,  
Lembra sempre, em qualquer clima.  
Enxurrada morro abaixo  
Ou fogo de morro acima.  
Muito difícil contê-la  
Quando segue de arrastão  
Porque mergulha a cabeça  
Em sombra ou destruição.

Você recorda o Pereira  
Da Mata do Xique-Xique. . .  
Desencarnado, ele mora  
Numa beira de alambique.

Morreu de tanto beber  
Nhô Totico da Água Santa;  
Hoje, sem corpo, anda à caça  
De quem lhe empreste a garganta.

Rafael foi-se em bebida,  
— O pobre do nosso Rafa, —  
E agora em vida diversa  
Só pensa em copo e garrafa.

Daqui, vejo, rua em rua,  
Sem rumo em que se comande,  
Nosso Ercílio do copinho  
Que tombou em litro grande.

Embriagada vivia  
Dona Quiquita Borela. . .  
Depois da morte procura  
Quem tome pinga com ela.

Uma história das mais tristes  
A do nosso Chico Souza. . .  
Perdendo o corpo em ressaca,  
Não se lembra de outra cousa.

Largando o mundo, aos copásios,  
Nhô Bernardo do Lajão,  
Continua, após a morte,  
Na mesma perturbação.

Cachaça, meu caro amigo,  
Tem este traço comum:  
Estraga de qualquer modo  
A mente de qualquer um.

Em muito caso de angústia,  
Nas provas justas da vida,  
Muito suicídio e loucura  
São do excesso de bebida.

Nas festas e cerimônias  
Não se canse de aprender  
A arte de alçar o copo  
Nobre e firme sem beber.

Pinga ajuda o coração?! . . .  
Disso há gente que se gabe,  
Mas se cachaça é remédio  
A medicina é que sabe.

Quanto a nós, recorde o aviso  
Do nosso Nico Belém:  
— “Água que gato não bebe  
Não auxilia a ninguém.”



8

## LAÇOS REDENTORES

(Resposta a um amigo que nos questionou, com relação à ofensa e ressentimento.)

Ressentimento não vale.  
A justiça não se atrasa  
E a lei da Reencarnação  
Atua dentro de casa.

Olhe o caso de Cristina,  
Envenenou João Gamela,  
Mas João, depois de algum tempo,  
Renasceu. . . E é filho dela.

Embora a morrer em sangue,  
Neca abateu Genserico;  
Hoje são gêmeos em luta  
Na roça do Tico-Tico.

Furtando-lhe sítio e casa,  
Quinquim matou Rui da Venda,  
Mas Rui nasceu neto dele,  
A fim de herdar-lhe a fazenda.

Quintino arrasou Gregório  
Com bebida numa festa. . .  
Gregório voltou a ele,  
É o caçula que o detesta.

Em não querê-la por nora,  
Teotônio acabou com Lica,  
Vejo a moça reencarnada:  
É a neta que o prejudica.

Nina induziu Vaz à morte,  
Suicídio triste sem causa,  
Hoje ele é o filho doente  
Que ela carrega sem pausa.

Lilia matou Antônio,  
Simples paixão de mulher. . .  
Mas Antônio renasceu. . .  
É o filho que não a quer.

Téo levou Juca ao suicídio. . .  
Eis que o tempo vem e vai. . .  
Juca hoje é o filho dele,  
Um filho que odeia o pai.

A Terra lembra hospital  
Se a vemos de ânimo atento,  
Levantam-se muitos lares  
Por celas de tratamento.

Ressentimento, desforra,  
Não adiantam, rapaz,  
A vida cobra com juro  
As contas que a gente faz.



9

## ASSUNTO DE PAIXÃO

Você deseja notícias,  
Meu caro Juca Simões,  
Sobre o que existe no Além  
Ante a luta das paixões.

O assunto do seu pedido,  
Quanto ao que busca saber,  
É tão fácil de sentir,  
Tão difícil de escrever! . . .

Reconhecemos: o amor  
É luz em todo ser vivo,  
Mas quando vira paixão  
É processo obsessivo.

Há paixões de toda espécie,  
Por encargos, por dinheiro,  
Por mando, posse, vingança,  
Rolando no mundo inteiro.



Mas a paixão propriamente,  
Tal qual é justo supor,  
É aquele calor que surge  
Por labareda do amor.

No começo é uma faísca,  
Com clarão vago e miúdo,  
Depois é fogo crescendo,  
Incêndio que arrasa tudo.

A pessoa nessa prova  
Vagueia tonta e insegura,  
Pode enrolar-se no crime,  
Quanto cair na loucura.

Veja a tragédia de Alvina,  
Apegou-se ao Filomeno,  
O moço quis Nominata,  
Alvina foi-se a veneno.

Eugênio amava Tintina,  
Tintina escolheu João Massa,  
Só por isso o pobre Eugênio  
Vive hoje de cachaça.

Contrariado no amor,  
Dedicado à Gabriela,  
Excitado, o Longimano,  
Deu dois tiros no pai dela.

Você recorda decerto,  
O nosso Quinquim da Areia,  
Matou Ziziu por ciúme  
E afundou-se na cadeia.

Recusado por Tininha,  
Irvalmo arrasou Clemente,  
Depois disso, exasperado,  
Enlouqueceu de repente.

Outra cousa, veja esta:  
Nessas mortes por paixão  
Aparece grande parte  
Dos casos de obsessão.

Ninita por desprezar,  
Matou Gil de Saramenha,  
Mas sem corpo Gil a segue  
Como fogo atado à lenha. . .

Sertório morreu aos poucos,  
Envenenado por Zuma,  
Sertório desencarnado  
Não a deixa hora nenhuma.

Joana desfez-se de Antero  
Para entregar-se ao Fontana,  
Mas o espírito de Antero  
Vive ligado com Joana.

Segundo todos sabemos  
Cada qual vive por si,  
Cuidado!. . . Foge à paixão  
Que a paixão é isso aí. . .

Se você gosta de alguém,  
Recorde: amor não reclama,  
Não prende, nem sacrifica  
E ampara sempre a quem ama.

Não procure ser amado  
Ame e abençoe por dever,  
Mantenha sinceridade  
E deixe a vida correr.

Paixão é cousa da sombra,  
Dor que a si própria maldiz,  
Mas o amor é luz de Deus,  
Amor é a vida feliz.



10

## DESENCONTROS DE AMOR

Você deseja noções,  
Meu caro Luiz Heitor,  
De como se vê no Além  
Os desencontros de amor.

Vejo agora que você  
Tocando nessa questão,  
Anota como se deve  
A Lei da Reencarnação.

Se o estudo sobre a Terra  
Fosse a luz de toda gente  
A vida de cada um  
Surgiria diferente.

Muitos renascem no corpo  
Para renúncia e serviço,  
Mas depois, passada a infância  
Não querem nada com isso.

Principalmente em matéria  
Do amor que salva e ilumina,  
Quando se perde a cabeça,  
Lá se vai a disciplina.  
Se nos amássemos todos,  
Segundo o amor de Jesus,  
Tudo seria na Terra  
Bondade, alegria e luz.  
O amor, no entanto, entre os homens,  
Tem força de correnteza  
E o sexo lembra um rio  
Que precisa de represa.  
Se uma afeição de outras vidas  
Vem, de novo, ao nosso olhar,  
A condição em que esteja  
É uma lei a respeitar.

Pode-se amar a pessoa  
Em bases de estima e fé,  
Como se guarda uma flor  
Que não se arranca do pé.  
Mas muita gente no teste,  
Reencontrando um ser amado  
Desgoverna-se de todo,  
E deixa o dever de lado.  
Se a criatura cai nisso,  
Olvida o senso comum,  
Menospreza o compromisso,  
Não aceita aviso algum.  
Abandonado o programa  
Que se trouxe ao renascer  
Os males que surgirão  
Ninguém consegue prever.

É muito amigo da vida  
Procurando o próprio azar,  
Há muito drama no mundo  
Que precisamos lembrar:

Maricota matou João  
E deu-se ao Natividade,  
Mas João hoje é filho dela  
Sem justa necessidade.

Carolino suicidou-se  
Largado por Florisbela,  
Que não pode ser de Antônio  
Por ver o morto atrás dela.

Antero morreu por Joana  
Pois Joana deu-se ao Benfica,  
Antero voltou aos dois  
É o filho que os crucifica.

Quitéria arrasou Belinha  
Para dar-se ao Gil Cascudo,  
A vítima renasceu. . .  
É a filha que a fere em tudo.

Cervino acabou com Cláudio  
Conquistando Dona Elisa,  
Mas o morto regressou. . .,  
É o filho que os escraviza.

O triângulo afetivo  
Que não se forma, a contento,  
Termina sempre na vida  
Em trio de sofrimento.

Se você gosta de alguém,  
Mas já não está sozinho,  
Cultive o amor dos irmãos,  
Não complique seu caminho.  
Você faça o que quiser,  
Liberdade é cousa santa,  
Mas não se esqueça, meu caro:  
Cada qual colhe o que planta.  
Se você apenas luta  
Por desejo e tentação,  
Separação não se entende,  
Divórcio não tem razão.

Cumpra o dever que abraçou  
Alegre, forte, sereno,  
O sexo com remorso  
É melado com veneno.

Recorde o antigo provérbio  
De valor singelo e raro:  
— “Quem a paca cara compra,  
pagará a paca caro.”



11

## QUESTÕES DE MULHER

Recebi o seu bilhete,  
Prezada irmã Guiomar,  
Anotando três consultas:  
União, mulher e lar.

Três colunas vigorosas  
De expressão indefinida,  
À feição de pedestais,  
Para a grandeza da vida.  
União surge primeiro,  
O lar reponta depois;  
A mulher recorda a luz  
Que Deus coloca entre os dois. . .  
Nesta verdade tão simples  
Para qualquer dos mortais,  
Todo homem pode muito,  
Mas a mulher pode mais.  
Foram feitos um e outro,  
Ela, o anjo, ele, o herói,  
Para marcharem unidos  
Em tudo o que se constrói.



Quando falham entre si,  
Surgem problemas em cacho,  
Onde a brecha se desdobra,  
A construção vem abaixo.

Olhe o romance de Joana:  
Trocou Joaquim por Galeno,  
Mas Galeno quis Lolota  
Que arrasou Joana a veneno.

Lilita não desculpou  
Alguns deslizes de Alberto. . .  
O esposo ao ver-se humilhado,  
Matou-se com tiro certo.

Dura tragédia a que vimos  
Em nosso Tião Cerqueira,  
Largado pela mulher,  
Jogou-se da ribanceira.

Querendo sobrepujar  
O marido, Adão Ventura,  
Dona Quintina da Prata  
Teve morte prematura.

Jandira fugiu de casa  
Por não perdoar Castilho,  
Mas provocou simplesmente  
A perda do próprio filho.

Deixou o lar sem razão  
Dona Cota de Inhaúma,  
Fez-se mulher de prazer  
Mas sem paz em parte alguma.

Julgando o esposo infiel,  
Suicidou-se Aninha Graça,  
O pobre caiu vencido  
Entre o delírio e a cachaça.

Lilia da Conceição  
Largou Juquinha Belém,  
Tornou-se mulher de muitos,  
Sozinha como ninguém.

Zina por ódio e vingança  
Largou Janjão Calatrava,  
Mas lacrou no sanatório  
As filhas que idolatrava.

Teotônia por desavença  
Lançou o esposo no lixo,  
Hoje é mulher desprezada  
Na mata do Carrapicho.

Por toda parte do mundo  
Se a mulher larga o dever  
Deserções, crimes, suicídios,  
São fáceis de aparecer.

De toda conquista humana  
Que temos e que virão  
Deus situou na mulher  
A paz, o amor e o perdão.  
E o homem? Não me perguntem. . .  
Ao nascer, vezes e vezes,  
Já começa dependendo  
Da mulher por nove meses.

Se sofre, nunca se queixe,  
Tolere irmã Guiomar,  
A justiça vem de Deus  
Ninguém precisa apressar.



12

## **BELEZA E PAIXÃO**

Eis aqui nossa resposta  
Prezada Nina Tereza,  
Em torno à sua consulta  
Sobre as questões de beleza. . .

Você diz: —“Não sei porque  
Tanta gente tem por norma,  
Trocar amor por desprezo,  
Quando a vida muda a forma”.

Você quer saber, a fundo,  
Se é luxo perante o Além,  
Apresentar-se a pessoa  
Na melhor forma que tem. . .

Muita gente deita idéias,  
Ao redor desta questão,  
Entretanto, a Natureza,  
É sempre o Belo em ação.

Cada manhã, fite a Terra,  
Tudo é som, grandeza e cor,  
O sol é ouro no Azul,  
O chão é verdura e flor.

Contemple o fulgor do monte,  
Quando o monte se ilumina.  
O mar é a beleza imensa  
Na força da disciplina.

A árvore é um lar de ninhos,  
A relva é finura e graça,  
A fonte é a presença viva  
Da melodia que passa. . .

Note o maciço de lodo  
Em que charco se resume:  
Dele nasce o lírio alvo,  
Irradiando perfume. . .

Em todo abuso de amor,  
Nos dramas que vêm e vão,  
O delito vem de nós  
Quando nos cega a razão.

Recorde o caso de Júlio,  
Era louco por Maria,  
Quando a pobre ficou surda,  
Recusou-lhe a companhia.

Luiz adorava Aurora  
No sítio de João Fontana,  
No entanto, ao vê-la doente,  
Luiz trocou-a por Joana.

Foi operada na face  
A noiva do Clarimundo,  
Bastou vê-la mutilada  
E o moço sumiu no mundo.

Romance dos mais bonitos,  
O de Antônia com Dirceu,  
Dirceu foi acidentado,  
O amor de Antônia morreu.

Gabriela com Talico,  
Noivado e linda novela. . .  
Talico ficou na praça,  
Lá se foi a Gabriela.

Encontrando a noiva enferma  
No Roçado da Matriz,  
Juquinha não mais quis vê-la  
Declarando-se infeliz.

Joel dizia adorar  
Marina de Dona Andréia,  
Marina caiu de cama,  
O rapaz mudou de idéia.

Joaquim prometeu casar-se  
Com Nhánha do Clodoveu,  
Ao vê-la de pés inchados,  
Joaquim desapareceu.

Como vê, prezada amiga,  
Nos domínios da afeição;  
Amor detido na forma  
Não é amor, é paixão.

Beleza vestindo a vida  
Por princípio incontroverso,  
É sempre a marca de Deus  
Na luz de todo Universo.

Quem ama acima da forma,  
Quem se eleva amando assim,  
Em tudo encontra a beleza  
Brilhando no amor sem fim.



13

## **COUSA DAS TREVAS**

Em carta você pergunta  
Minha irmã Zina Belém,  
O que se pensa do aborto  
Na vida do Grande Além.

Desejaria falar  
Em verbo claro e graúdo! . . .  
Só sei dizer que onde moro  
Aborto complica tudo.  
Muitos prometem dar corpo  
A credores e a colegas. . .  
Nascem, crescem. . . Mas depois,  
Caminham vivendo às cegas.  
Espíritos recusados  
Na fúria louca em que estão  
Promovem desequilíbrio,  
Conflito, perturbação.  
E a Lei que tudo corrige  
Perante o aborto ilegal  
Entrega o problema à dor  
Extraíndo o bem do mal.

Pode crer: mancha de culpa  
Na roupa do pensamento,  
Somente desaparece  
Com o sabão do sofrimento.

Olhe a tragédia de Ertúzia  
Prometeu corpo a Joaquim,  
Fugiu do trato, mas hoje  
Sofre doenças sem fim.

Téo praticou muito aborto,  
Em pobres moças da roça,  
Depois entrou na bebida,  
Caindo de fossa em fossa.



Dona Helena do Lagedo  
Fez os abortos que quis,  
Morreu e tornou à Terra  
Doente, triste e infeliz.

Lili fez muitos abortos. . .  
Desencarnou em Portela. . .  
Quer nascer. . . Pede socorro,  
Mas o povo corre dela.

Outra arrasava os pequenos  
A jorros de água fervente,  
É Tuta que, alucinada,  
Só vê crianças à frente.

Belinha nasceu no mundo  
Para dar corpo ao Libório,  
Depois de expulsá-lo a ferros,  
Rumou para o sanatório.

Por aborto, lá se foi  
Aninha do Desidério. . .  
Da parteira Dona Cissa  
Passou para o necrotério.

Tina expulsou quatro vezes,  
O espírito de João Róssi,  
Logo após, caiu de cama,  
Morreu de câncer precoce.

Teotônia fez vinte abortos  
Em várias moças da Estaca. . .  
Morreu e voltou ao mundo  
Trazendo a cabeça fraca.

Amargosa provação  
A de Ninhanha Ventura,  
Seis abortos, seis problemas,  
Obsessão e loucura.

Muito espírito conheço  
Que sonhava paz e amor,  
Que não podendo ser filho  
Tornou-se perseguidor.

Cada qual é responsável  
No amor que aceita ou que alcança;  
Compromisso a cada um,  
Mas que se poupe a criança.

Maternidade é tarefa,  
Luminoso compromisso,  
Um filho é bênção de Deus,  
Não proteste, pense nisso.

Quando o aborto é indispensável  
Tem a justa explicação,  
Mas fora desse caminho  
Aborto é perturbação.

Minha irmã, fuja do aborto,  
Se um filho é a bênção que levas. . .  
Aborto desnecessário  
É sempre cousa das trevas.



14

## **AMBIÇÃO DESREGRADA**

Recebi a sua carta,  
Meu caro amigo Silvestre,  
Você faz uma consulta  
Em grave questão terrestre.

Você deseja saber  
O que ocorre aos que se vão  
Para a vida, além da morte  
Em desregrada ambição.

O amigo não desconhece:  
Ambição de fazer bem,  
Anseio de ser melhor  
Não fazem mal a ninguém.

Mas a febre do egoísmo  
De quem quer mais, mais e mais  
Sem precisão ou proveito  
Arrasa as forças mentais.

Nesses casos, a pessoa,  
Larga o corpo, exige e erra,  
De ilusão para ilusão,  
Perambulando na Terra.

Você recorda o Nhô Neca  
Que arruinou muita viúva,  
Desencarnado é um mendigo  
Mas pensa que é manda-chuva.

Depois de morto, o João Panca  
Que só queria dinheiro,  
É vigia de um tesouro  
Que enterrou no galinheiro.

Nicão despojava os órfãos  
Fosse a cara de quem fosse,  
Morreu, mas anda chumbado  
Ao sítio do Rio Doce.

Depois de deixar o corpo,  
A sovina Dona Bela  
É vista à porta dos bancos  
E diz que os bancos são dela.

Finou-se a falar em ouro  
O nosso Nhonhô da Mata,  
Ele agora cata pedras,  
Achando que ajunta prata.

Posseando bens dos cegos,  
Desencarnou Mario Landi,  
Pelo remorso, é um fantasma  
Assombrando a Roça Grande.

Tomou muita terra alheia  
Nhô Chico do Lavajão,  
Desencarnado ele clama  
Em sete palmos de chão.

Morreu louco de avareza  
O esperto Quinquim de Souza,  
Tendo acordado na tumba  
Quer vender a própria lousa.

Guarde a certeza, meu caro,  
Na trilha da criatura,  
Ambição mais ambição,  
A soma é sempre loucura.

Louva a paz do necessário  
Que o trabalho nos consente,  
Tudo aquilo que é demais  
É desarranjo na mente.

Você mais cedo ou mais tarde,  
Tal qual comigo se deu,  
Ressurgirá no *outro mundo*,  
Sozinho como nasceu.



15

## NOTAS DA SOVINICE

Você deseja saber,  
Caro Antônio da Planura,  
O que sucede aos sovinas  
Depois que a morte os procura.

O assunto pede cuidado,  
Porquanto, em tudo, na essência,  
Não se deve caminhar  
Com base na imprevidência.

Observe a natureza:  
Na horta uma simples erva,  
Vive, ajuda e se garante  
Mantendo a própria reserva.

A árvore ampara sempre  
Na bondade de que é feita,  
Mas resguarda a seiva própria  
Para dar outra colheita.

Melhor é viver no mundo,  
Relembrando a história antiga:  
Nem tanto quanto a cigarra,  
Nem tanto quanto a formiga.

Em verdade, nunca vi,  
Em meus caminhos terrenos  
Quem não tenha um tanto mais  
Para dar a quem tem menos.

Toda pessoa precisa  
De escoras, forças e meios,  
De maneira a não pesar  
Nos orçamentos alheios.  
Mas sovinice, meu caro,  
Na melhor definição,  
É o pesadelo da posse  
Com trevas no coração.

Você recorda Nhô Bruno,  
Falecido em Miradouro;  
Sem corpo, dorme no pó,  
Julgando que dorme em ouro. . .

Enterrou muita moeda,  
O nosso amigo Marçal,  
Desencarnado, é vigia  
Na barranca do quintal.

Agora depois da morte,  
Alarico do Estaleiro,  
Anda buscando o colchão  
Em que prendia o dinheiro.

Sem corpo, Nhá Benta Paula  
Hoje é um fantasma perfeito,  
Mora no armário das jóias  
Que guardava sem proveito.

Conquanto rica, Nhá Cota,  
Desencarnada em Cumbica,  
Vive na cova, pensando  
Que mora em mina de mica.

Apegada nas baixelas,  
Morreu Nhá Joana de Deus,  
Sem corpo, vive agarrada  
Ao que ficou nos museus.



Muito rico, mas sovina  
Finou-se Juca do Grampo,  
Comeu por economia  
Tatu ervado no campo.

Falando em ouro e mais ouro  
Morreu Altino de Grotas,  
Mora no barro pensando  
Que está num montão de notas.

Nosso prezado Nhô Tuca,  
Morto no Sítio dos Lessas,  
Vive com medo dos santos  
Aos quais fintava promessas.

Prudência, caro Antonico,  
É paz na hora futura,  
Entretanto, sovínice  
De qualquer modo, é loucura.

Trabalhe, faça proveito  
Do que juntou pelo bem,  
Saiba, sempre, antes de tudo,  
Que Deus não falta a ninguém.



16

## ASSUNTO DE MORRER

Quer você saber em carta,  
Meu caro Joaquim Mamede,  
Depois da morte do corpo  
Aquilo que nos sucede.

A resposta necessária  
Pede à gente tanto estudo,  
Que muito desencarnado,  
Neste ponto, fica mudo.  
Digo, porém, a você  
Sem a menor pretensão  
Tanto a morte, quanto a vida  
Exigem preparação.

Você sabe: sempre erramos,  
Conforme o senso comum  
Mas guarde a paz em si mesmo,  
Não guarde remorso algum.

Trate o corpo com cuidado,  
Imite o zelo de alguém  
Que tendo uma enxada só,  
Protege a enxada que tem.

Não chore as crises da Terra,  
Que a própria vida se arruma,  
Dos problemas que carregue  
Não faça queixa nenhuma.

A favor da paz dos outros,  
Ante a fé na qual se ampara,  
Perdoe qualquer prejuízo,  
Agüente tapa na cara.

Merece muito de Deus,  
Quem poda sombra ou pesar,  
Ajudando aos companheiros  
Lutando sem reclamar.

Trabalhe quanto puder,  
Quanto puder faça o bem,  
Não há ninguém sem valor  
Não pense mal de ninguém.

Julgar os outros? Desista,  
É questão em que não entro,  
Cada qual mostra por fora  
Aquilo que traz por dentro.

Às vezes vemos na Terra  
O crime ou a perturbação,  
Mas lembre: vemos o mal,  
Deus considera a intenção.

Fale menos, pense mais,  
Cultive a comida pouca  
Muita gente lembra peixe  
Que se perde pela boca.

No copo muita atenção,  
Naquilo que se recebe,  
Em qualquer tempo, não tome  
Água que gato não bebe.

Quanto ao mais cumpra o dever,  
Recordando com juízo,  
Que a morte é assim como a lei:  
Chega sempre que é preciso.



17

## **CURA DE OBSESSÃO**

Você procura saber  
Prezada Rita Simão,  
Qual a melhor das receitas  
Na cura da obsessão.

Como sucede à doença  
Que ataca sob disfarce  
Obsessão quando surge  
Tem os meios de ocultar-se.  
Muitas vítimas preferem  
Engano, fuga, prazer,  
Há quem se largue na sombra  
E deixa a sombra correr. . .

A história, no entanto, é esta:  
O espírito obsessivo  
É sempre alguém que nos pede  
Ensino, perdão e amor.  
Alguém que pensa conosco,  
Que fala por nossa voz,  
Que caminha em nosso passo,  
Que vive em nós e por nós,

Sempre alguém que nos atrai  
Seja no bem ou no mal,  
Que nos partilha depois,  
A vida espiritual.

Refletindo no problema,  
Considero, em torno disso:  
Que a cura da obsessão  
Tem a base no serviço.

Sabe você: ódio, inveja,  
Paixão, impulso violento,  
Hábito, rixa, aversão  
Começam no pensamento.

Observe e notará  
Nas lutas do dia-a-dia,  
Sugestão de obsessor  
Vem pela hora vazia.

Tempo recorda a moeda,  
Roga caminho direito  
Precisamos de equilíbrio  
Para usá-lo com proveito.  
Pessoa de tempo vago,  
Sem manejá-lo no bem,  
Dá pasto a muita ilusão,  
Ouvindo o que não convém.

Quem sofra com tentações  
Atenda, em linhas gerais,  
A trabalho e mais trabalho,  
Lidando e servindo mais.

Obsessor quando vê  
A melhoria na gente,  
Passa logo a refletir,  
Tornando-se diferente.

É isso aí! . . . A entidade  
Que nos perturba ou complica  
Converte-se para o bem  
Pelo bem que se edifica.

Se a questão é com você  
Não se atrase, minha irmã,  
Tarefa marcada hoje  
Não deixe para amanhã.

Trabalhe. Não permaneça  
Cozinhando a alma ferida,  
Trabalho renova a mente,  
A mente conduz a vida.

Estude. Não esmoreça,  
Modifique a própria estrada,  
Obsessor não agüenta  
Nossa vida transformada.

Continue no auxílio aos outros,  
Cria, esforce-se, não tema,  
Na essência, temos aqui  
A solução do problema:  
A cura da obsessão  
Na reforma se processa,  
Mas pessoa que trabalha  
Sara sempre mais depressa.



18

## LUTAS DA IRRITAÇÃO

Em carta você pergunta,  
Prezada Rita Frazão,  
Como se anotam no Além  
As lutas da irritação.

Pode crer. A irritação  
Quando envolve a criatura,  
É um pedaço de caminho  
Para a morte prematura.

A cólera é sempre um mal  
Embora pareça um bem,  
Espinheiro de azedume  
Não dá proveito a ninguém.

São muitos os casos graves,  
Que a fúria estende por si,  
Tanto nos atos da Terra  
Quanto nos fatos daqui.

Tanto se irava por nada  
Nhô Totico das Candeias,  
Que se matou sem querer  
Trancando o sangue nas veias.

Enraivecido, Nhô Juca,  
Na Roça dos Enjeitados,  
Morreu grudado na chusma  
De espíritos atrasados.

Enfurecia-se à toa,  
O nosso Carlos Monteiro. . .  
Ao irar-se no volante  
Rolou no despenhadeiro.



Gritando desorientado  
Contra tia Felisbela,  
Nhô Ramos morreu de um bife  
Engastalhado na goela.

Recorde o caso sabido  
De Aninha de Nhô Vicente,  
Caiu e morreu com raiva  
Num tacho de água fervente.

Outra história muito triste  
A morte de Adão Galeno,  
Cego de raiva trocou  
Sal amargo por veneno.

Sempre irritado na praça,  
Tião do Sítio da Lua,  
Fazendo compras na loja,  
Morreu de briga na rua.

Outro caso doloroso  
O de Chiquinha dos Matos,  
Afogou-se na cisterna,  
Querendo bater nos gatos.

Nhá Tina em fúria constante  
Na Tapera do Riacho,  
Quando surrava um cachorro,  
Finou-se de escada abaixo.

Derrame acabou com Júlio  
Na Fazenda da Floresta. . .  
O pobre espantava as moscas  
Com murros na própria testa.

Tenha calma e tolerância,  
Não siga impulso violento,  
A cólera, em qualquer parte,  
É chuva de sofrimento.

Irritação? Fuja disso,  
Não se esqueça, minha irmã,  
Ante os entraves de hoje  
Que a vida volta amanhã.



## 19

### CONDENAÇÃO E VIDA

Você procura notícias,  
Meu caro Nuno Serrão,  
Do que se diz no *outro mundo*  
Em torno à condenação.

Na luta em que vamos indo,  
Seu pedido, caro Nuno,  
Encerra assunto excelente  
Para debate oportuno.

Num mundo assim qual o nosso,  
Onde a luta nos cativa,  
Ninguém pode dispensar  
A crítica construtiva.

Se erro e se muitos erram,  
É preciso aparecer  
Quem nos aponte verdade  
Quem nos convide ao dever.  
No entanto, a crítica nobre  
Que ampara, esclarece e guia,  
Traz consigo a segurança  
Dos golpes de cirurgia.

O médico em plena ação,  
Não corta, nem fere à-toa,  
Trata ou suprime a doença  
Sem desprezar a pessoa.  
Nesse sentido assinalo  
Que aprendi desde menino,  
A saber o que é melhor  
Pelo socorro do ensino.  
Mas censura por si só,  
Vertendo verbo infeliz,  
Lembra pedrada sonora  
De quem não sabe o que diz.  
E já que a vida devolve  
Aquilo que se lhe oferta,  
Toda pedra que atiramos,  
Volta a nós rápida e certa.

Note o caso de Nhô Fábio,  
Moral de conversa brava,  
Morreu buscando prazer  
Na rua que detestava.

Nicota falando às soltas  
Acusava a mãe doente,  
Um dia fugiu de casa  
Para morrer delinqüente.

Laurentino reprovava  
A trilha de Felisbela. . .  
Foi-se o tempo e ele finou-se  
Apaixonado por ela.

Jacó censurou o irmão  
Por desposar Nhá Siluva;  
Finou-se o irmão de repente. . .  
Jacó ligou-se à viúva.

Falava Artur que o cigarro  
É só veneno em consumo;  
Depois de tanto fumar  
Morreu no excesso de fumo.

Pregava contra a riqueza  
Nosso amigo Zé Romão,  
Ganhando na loteria,  
Desertou da pregação.

Perseguido injustamente  
Por jogo morreu Quim Cota. . .  
E o filho que o acusava  
Morreu na frente da sota.

Quirino Almeida zombava  
Dos passes de Nhá Mariana. . .  
Hoje, ele mesmo procura  
Vinte passes por semana.

A vida é assim, caro Nuno. . .  
Condenar não vale a pena,  
Porque a gente sempre cai  
Naquilo que mais condena.

Irritação e azedume  
Criam angústia e pesar;  
Perante qualquer ofensa  
O melhor é perdoar.

Julgar exige cuidado  
Pelos outros e por si.  
Não condene, ajude sempre,  
Que este assunto é isso aí.



20

## **APEGO DEMAIS**

Você quer informação,  
Meu caro Luiz Lamego,  
Do que se sabe no Além,  
Quanto aos problemas do apego.

Apego cria na gente  
Muita luta e compromisso  
Que o verbo ao nosso dispor  
Quase nada conta disso.

Por força da Lei de Deus,  
Sempre clara e benfazeja,  
Cada qual acha no tempo  
Aquilo que mais deseja.

Agarramento no mundo,  
Na vista, uma cousa à-toa,  
Parece uma corda grossa  
Que prende qualquer pessoa.

Posso dizer a você:  
Nesse laço estranho e forte,  
Temos amigos em monte  
Lutando depois da morte.

Você recorda Nhô Juca,  
O sovina de Água Raza  
Depois de morto, deitou-se  
No cofre da própria casa.

Nhô Chico viveu rondando  
O antigo sítio da Penha,  
Desencarnado, prossegue  
Vigiando chão e lenha.

A moça do garfo grande,  
Maricotinha Donato,  
Sem corpo, só pensa nisto:  
— Leitoa, galetto e pato.

Antonico de Caneca,  
No Além, inda bebe e xinga,  
Se o vejo é sempre escornado,  
Junto à garrafa de pinga.

Outra que anda no copo,  
Dona Augusta, da Água Bela,  
Fora do corpo, procura  
Quem queira beber com ela.

Conrado era da calúnia,  
Nunca se soube porque,  
Sem corpo vive escrevendo  
Infâmias que ninguém lê.

Cultivava inveja e ódio  
Nhô Tino do Sapecado,  
No Além, parece uma bomba  
Que todos deixam de lado.

Sempre fugiu do trabalho  
O nosso caro Elentério,  
Morreu, mas vive em descanso  
Dormindo no cemitério.

Negociante usurário,  
Desencarnado, Nhô Bem,  
Conserva o punho agarrado  
Na gaveta do armazém.

Guilhermino que morreu  
De namorico e *paquera*  
Vive agora atrás das moças,  
Nem vê que o caso *já era*.

Pensem nisto, enquanto é tempo,  
Apego, caro Luiz,  
É o modo que o mundo encontra  
De se fazer infeliz.



Educação e serviço  
Indicam a paz segura,  
Toda pessoa na vida  
Tem aquilo que procura.

Pode crer. Depois da morte,  
Quanto ao seu próprio lugar,  
Aquilo que você busque  
É a nota que vai contar! . . .

Composto e Impresso pelo INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPÍRITA  
Rua Emílio Ferreira, 123 — 13.600 — Araras — Estado de São Paulo  
C.G.C. n.º 44.220.101/0001-43 — Inscrição Estadual 182.010.405  
em julho de 1985.

